

Conclusão

Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial
Na aparência do singelo
E examinai, sobretudo, o que parece habitual
Suplicamos expressamente:
Não aceiteis o que é de hábito como coisa natural
Pois em tempo de desordem sangrenta,
De confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
De humanidade desumanizada,
Nada deve parecer natural
Nada deve parecer impossível de mudar.
(Bertolt Brecht)

A presente dissertação nasceu da vontade de estudar a verdadeira função desempenhada pelas crônicas escritas por António Lobo Antunes, no bojo de sua obra. Além de serem exemplos distintos do que se normalmente esperaria do gênero, uma vez que não se preocupam em relatar a trivialidade do cotidiano, suas crônicas apresentam, de forma bem particular ao autor, o acontecimento das guerras coloniais portuguesas e as condições políticas, sociais e econômicas que se desenhavam em Portugal no final do século XX.

Foi uma preocupação desta dissertação apresentar Lobo Antunes como agente contestador, transformador, através do mapeamento das questões associadas ao ambiente político-afetivo que compreende seu registro cronístico, mesmo este sendo por vezes desqualificado pelo autor por sua notória facilidade de produzi-los, por sua breve exposição que se alia a uma falsa sensação de superficialidade. Tentamos provar exatamente o contrário ao entender que o autor conquistou espaço no imaginário e no cenário afetivo dos leitores ao fornecer uma leitura mais acessível de suas vivências em uma espécie de preparação para a leitura de seus romances ao despertar no leitor o desejo de conhecer mais profundamente os textos do autor. Preparação esta que se estabelece em variedades temáticas, levando ao leitor um vasto panorama de questões e,

simultaneamente, traçando uma espécie de perfil histórico-sentimental ao trabalhar de forma condensada – fazendo uso de habilidade cirúrgica para “costurar” idéias e lembranças – as mais diversas situações do viver humano, tais como: a perda de identidade física e emotiva, revividos por um sentimento nostálgico de felicidade na infância; o sentimento de luto pela perda de amigos queridos e o sentido da vida e da morte; a infelicidade e o sentimento de solidão, que se vive individualmente e a que se compartilha com o outro em sentimento de solidão coletiva. A profusão de temas revela traços de um ambiente afetivo determinante permeado pela nostalgia, pelo (des)encontro e pela incapacidade de comunicação apresentada pelos personagens.

Constatamos, portanto, que as crônicas de António Lobo Antunes ocupam um lugar de igual importância comparativamente aos romances no conjunto de sua obra. No que se refere à temática, à estilística e à profundidade da escrita, as crônicas possuem a mesma qualidade a que o autor dedica aos seus textos longos, comprovando que as mesmas fazem sim parte do projeto político de escrita do autor. Para esta afirmação mostramos algumas evidências como o fato de ele nunca ter parado de publicá-las e ter autorizado a tradução e a publicação das mesmas em livros. Parece ser uma iniciativa no sentido de alargar o acesso do público aos textos que antes se limitavam apenas aos leitores dos jornais e revistas lisboetas. É possível supor que esta medida não se concretizaria caso o autor não acreditasse na relevância da atividade literária em questão, como por vezes pretende induzir. A publicação em livro parece ainda se inclinar no sentido de separar as crônicas das outras notícias do jornal que, como foi dito, era uma questão que o incomodava.

Lobo Antunes sintetiza em seus textos seus sentimentos em relação à vida, à morte, à infância, à sociedade, à Igreja e à guerra, sempre suscitando questões a partir de um olhar que coloca em xeque a afetividade: a relação das pessoas com elas mesmas, com seus pares e com a sociedade. Destarte, propusemos uma leitura mais atenta destas narrativas breves, procurando nelas entender os principais impasses e desafios da cultura portuguesa contemporânea, enfim, percorrendo os itinerários políticos e afetivos conforme vias humanas que confluem e sobressaem na sua produção como cronista.

A escolha de suas crônicas como alvo de detalhado estudo se justifica também pela forma como o autor lida com o binômio literatura e realidade histórica, valorizando a experiência do indivíduo, na maioria dos casos sua própria experiência pessoal, tornando sua criação literária uma forma de diálogo entre ficção e realidade. A valorização da experiência pessoal e individual permitiu que Lobo Antunes assumisse em África um papel diferente do português colonizador, pois, por meio de um olhar sensível, foi capaz de captar a beleza do lugar e das pessoas africanas na guerra.

Mais que um narrador, Lobo Antunes transforma a si próprio em um leitor. Um leitor que codifica as experiências que viveu e que acredita serem pertinentes a todos. Como uma antena sensível às transformações que o cercam, ele capta ao mesmo tempo em que transmite: repetindo, retratando, refletindo. Estas ações se dão ao tentar compreender a história e a sociedade, desvendando-as ao público e ao mesmo tempo sem perder de vista a intenção de tornar-se próximo, de não se fazer perder em meio ao ruído de um monólogo intelectual e academicista: *É preciso desmitificar o autor como criatura superior, não é. O escritor tem que estar no meio dos homens, entre eles. É um homem comum vivendo entre homens comuns.*¹⁹¹

Conforme procuramos mostrar, Lobo Antunes presta um serviço à atual geração, provavelmente repercutindo no futuro, ao registrar em suas crônicas os acontecimentos com os olhos de quem viu os terrores da realidade vivida no campo de batalha na guerra em Angola, e também com as mãos que foram manchadas por sangue derramado em uma guerra estúpida, enrijecendo a alma.

Ao trabalhar com a visão do autor em relação à guerra colonial, problematizamos a noção de testemunho para a literatura, suscitando questões que oscilam entre a realidade e a ficção. Por meio do seu testemunho, o autor encontra um meio termo mais condizente com a realidade do que a história oficial divulgada como verdadeira. António Lobo Antunes se expôs ao relatar em suas crônicas parte dos horrores vividos na guerra, tensionando assim, a questão de

¹⁹¹ Entrevista concedida por António Lobo Antunes acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Wg7g86TGOGk>

realidade e ficção com dados autobiográficos compatíveis ao que realmente viveu, mas que ganha voz por meio de personagens fictícios.

Para tanto, contamos nessa caminhada com o embasamento acadêmico em obras que trouxemos para auxiliar a compreensão de sua produção cronística. Postulamos um entendimento mais aprofundado das crônicas antunianas ao cruzarmos tais considerações com aquelas presentes em *Experiência e Pobreza* de Benjamin, onde observamos que, segundo a teoria cultural desenhada por Benjamin, o indivíduo, após uma experiência tão traumática e devastadora quanto a guerra, simplesmente se torna incapaz de entender o que se passa em sua volta – dentro de si – da mesma forma de outrora. Faz-se necessário que uma nova narrativa seja instaurada, uma maneira distinta da anterior, para poder transmitir o que quer que seja lhe dado transmitir. Foi assim que Lobo Antunes se caracterizou por sua maneira original de expressar sentimentos e angústias comuns a seu povo, porém não restritas a ele.

Entendemos que esta mudança de olhar a que Benjamin se refere e que muda o homem irreversivelmente fez com que Lobo Antunes retornasse a Pátria carregando esta visão violenta da realidade que se impôs sobre ele. Levantamos a hipótese de que essa experiência fez com que Lobo Antunes lançasse sobre a sociedade e sobre o regime político português uma nova perspectiva, bem mais crítica, do povo português. O autor constatou em suas crônicas a alienação da sociedade lusitana perante o regime de Salazar, o sentimento de quem viveu a Revolução dos Cravos depois do 25 de Abril de 1974 e o desapontamento com a Igreja Católica. Sempre na tentativa de aflorar na sociedade uma crítica ao que se procura olvidar. Objetivamos apresentar Lobo Antunes como um agente transformador e como um personagem da história ao se negar a esquecer e com isso confrontar esse processo de quietude presente na vivência social.

Encontra-se neste ponto, talvez a maior virtude desta dissertação, que se propôs a lançar um olhar analítico por sobre o conjunto das crônicas de Lobo Antunes: a originalidade de alguém que ao se esfacelar, consegue refletir os sentimentos de uma nação, marcada pelo ensurdecido silêncio de sua dor. O binômio política/afetividade se desdobra em micro-temas e todos formam o mosaico de experiências que procuramos retratar ao estudar Lobo Antunes e suas

crônicas: espelho de uma sociedade que procura exorcizar seus demônios, farol de possibilidades de entender seu passado, ao mesmo tempo em que se projeta para o futuro. *O que tento fazer é misturar aquilo a que se chama passado, aquilo a que se chama presente e aquilo a que se chama futuro.*¹⁹²

¹⁹² ANTUNES, António Lobo. Em entrevista concedida a Alexandra Lucas Coelho em 30 de janeiro de 2000 ao Público. P. 334